

Liberdade ou restrição?

Roberto Conduru



Imagens semelhantes podem ter sentidos bem variados.

Recentemente, Yve-Alain Bois retomou o termo criado por Erwin Panofsky para esse fenômeno – pseudomorfose – ao refletir sobre a presença na história da arte de obras com formas similares e conteúdos diversos porque geradas com propósitos distintos, em processos históricos diferentes. Sua análise indica ser necessário interpretar formas, imagens e obras em relação a seus contextos.

Um bom exemplo para pensar a pseudomorfose é um elemento da capa de um caderno escolar pertencente ao acervo do Musée National de l'Éducation, do Institut National de Recherche Pédagogique, de Rouen, na França: um machado com duas lâminas simetricamente dispostas. O qual pode ser interpretado de diferentes modos.



Para alguém vinculado à cultura ioruba, esse objeto é um oxê, uma das insígnias de Xangô, como os que aparecem nas mãos e nas vestes do orixá do trovão e da justiça dos nagôs, tal como figurado pelo artista baiano Gil Abelha. Com duas lâminas idênticas, dispostas simetricamente, esse machado é um dos símbolos da visão imparcial e justa do rei de Oyó. Contudo, uma primeira visada do caderno logo duvidará dessa leitura. As palavras nele impressas – *famille* (família), *patrie* (pátria) e *travail* (trabalho) –, grafadas no idioma francês, bem como as cores das faixas do fundo – azul, branco e vermelho –, remetendo à bandeira francesa, afastam de imediato a referência africana do horizonte interpretativo.

O contexto europeu sugere alternativa de leitura: ver esse símbolo como um labrys, um dos machados presentes em santuários, palácios e residências na antiga Creta, representando a Deusa Mãe. *Labrys* é uma palavra relacionada à mesma raiz do termo latino *labus*, que significa lábios e, portanto, associa o machado de dois gumes ao órgão sexual feminino. Assim, é um símbolo do poder da mulher, fazendo com que seja adotado como sinal de identidade e solidariedade pelo movimento feminista, ou como signo do lesbianismo, aparecendo algumas vezes no centro da bandeira do movimento gay. Além disso, o labrys já foi usado como símbolo do fascismo grego e, atualmente, é empregado como símbolo de neopaganismo helênico. Significados que não parecem

adequados a esse caderno, apesar de sua capa ter a foto de uma mulher simplesmente vestida amamentando uma criança.



A outra foto nessa capa, do marechal Phillippe Pétain, que dirigiu a França quando o país esteve sob dominação alemã, durante a Segunda Guerra Mundial, e foi colaborador dos nazistas, permite identificar rapidamente o símbolo. Esse machado é "*la Francisque*", a insígnia do chefe do Estado francês que foi criada em 1941, retomando o machado usado pelos francos entre os séculos V e VIII, para ser outorgada como símbolo de sacrifício e coragem àqueles que tivessem: condutas morais incontestáveis, atuações políticas e sociais voltadas à nação francesa, respeito às ações e à pessoa do marechal.

O que explica a conexão, na face do caderno, da imagem do machado duplo, às fotos de Pétain e da mulher com a criança (simbolizando a França e os franceses, sobretudo os populares) e às palavras *famille*, *patrie* e *travail*. Arranjo equilibrado, estático, a indicar às famílias francesas que trabalhassem em prol da pátria, sob a direção de Pétain.

Como visto, uma imagem isolada está livre para ser entendida de diferentes modos. Mas a análise dos demais elementos a ela vinculados, bem como o contexto de produção e circulação do objeto no qual está inserida, restringe a interpretação, fixa alguns sentidos em detrimento dos demais. Portanto, esse caderno pouco tem a ver com justiça nagô, com

poder feminino ou lesbianismo. Em vez de libertador, seu sentido é de conservação, tradicionalista.

LEGENDA(S) DA(S) FOTO(S)

- Bandeira gay com labrys.
- Xangô, Gil Abelha. Brascar Edições de Postais Ltda.
- Caderno pertencente ao acervo do Musée National de l'Éducation, do Institut National de Recherche Pédagogique, de Rouen, na França.

REFERÊNCIAS

- BOIS, Yve-Alain. A questão do pseudomorfismo: um desafio para a abordagem formalista. *In: RIBEIRO, Marília e RIBEIRO, Maria Izabel Branco (orgs.). Anais do XXVI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte*. Belo Horizonte: C/Arte Editora, 2007, pp. 13-27.

sobre o(a) autor(a):

Roberto Conduru é historiador da arte, professor no ProPEd e no PPGARTES, diretor do Instituto de Artes da UERJ, pesquisador pró-cientista da UERJ, Jovem Cientista do Nosso Estado da FAPERJ e bolsista de Produtividade do CNPq.